



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8091 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 04 - Didática

OS JOVENS REFUGIADOS E AS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL: A DIFICULDADE DE CONVIVER COM O OUTRO

Adriana Mallmann Vilalva - UNISANTOS - Universidade Católica de Santos

Agência e/ou Instituição Financiadora: não

OS JOVENS REFUGIADOS E AS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL: A DIFICULDADE DE CONVIVER COM O OUTRO

Este é um pequeno recorte de uma pesquisa mais ampla, que consiste em analisar e refletir sobre questões relativas à diversidade cultural e os novos (bem, *nem tão novos assim*) papéis que a escola assume, em função das mudanças sociais que ocorrem de forma contínua. Questões mundiais como migração, afetam o dia a dia das escolas brasileiras. Segundo o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), 3,5 milhões de crianças refugiadas não frequentaram a escola em 2016. Apenas 61% das crianças refugiadas frequentam a escola primária, em comparação com uma média global de 91%. Um quadro que piora à medida que essas crianças envelhecem. Apenas 23% dos adolescentes estão matriculados no ensino médio, enquanto a média global é de 84% (ACNUR, 1996, 2011, 2012). durante a revisão de literatura sobre a temática, como pode ser difícil conviver com o que consideramos diferente, por conta de nossas crenças e nosso capital cultural, que, por vezes, nos faz enxergar determinadas situações como estranhas ou indesejadas a nossa realidade.

E essa estranheza pode estar diretamente ligada ao fato de que o Brasil é um país que foi marcado por um discurso de práticas homogeneizadoras, “[...] que desprezam as singularidades e pluralidades existentes entre os diferentes sujeitos presentes no cotidiano escolar” (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011, p.89).

A pesquisa se justifica, pois, na última década, a população escolar jovens refugiados tem aumentado nas escolas brasileiras conforme afirmam Moreira (2014), Garcia (2015). Ahlert e Almeida (2016), Vieira, Menezes e Silva (2017) e Baeninger (2018), que indicam a necessidade de se encontrar soluções para que haja uma melhor integração dos jovens refugiados. Nesta perspectiva, o trabalho se fundamenta em Moscovici (2011, 2012) e Bourdieu (1997, 1998), e parte, inicialmente, de um levantamento nacional e internacional (ACNUR, 1996, 2011, s/d; ACNUR; ONU, 2012) a respeito dessa temática. A pesquisa de campo em duas escolas públicas do Estado de São Paulo a fim de acompanhar esses alunos em um processo de integração escolar, já vem apresentando resultados diferenciados quando analisamos o contexto internacional.

Neste processo de integração escolar, temos encontrado resultados diferenciados quando analisamos o contexto internacional. Os formatos de sala de aula distintos, bem como a poesia e a música têm possibilitado a melhor integração desses adolescentes. A criação de espaços onde estes jovens podem compartilhar sua língua, cultura e hábitos têm sido de extrema importância. As entrevistas realizadas, bem como os demais dados levantados até o momento, indicam que o envolvimento de toda comunidade acadêmica, mas principalmente dos demais alunos, produzindo o acolhimento, têm trazido resultados bastante positivos no que tange a integração dos refugiados ao ambiente escolar e social.

Consideramos, a partir do levantamento de dados, que a Escola e seus agentes, neste espaço social (BOURDIEU, 1997, 1998), precisam introduzir novas experiências, que possam integrar esses jovens refugiados/migrantes, interiorizando práticas culturais, modos de ser, sentir e agir (ABDALLA, 2006). Foi possível também observar questões que envolvem, segundo Moscovici (2011), as normas e suas influências sociais, os conflitos e as possíveis mudanças no espaço social da Escola, como diria Bourdieu (1997, 1998).

Em uma das escolas em que desenvolvemos a pesquisa de campo, tivemos o privilégio de observar os professores e a equipe gestora, contando com a participação ativa dos alunos, desenvolveram diversos projetos que valorizassem as diferenças étnicas e culturais, promovendo trocas de experiências por meio de músicas, poesias de autorias dos alunos, oficinas de linguagem, reconhecimento da situação de migrantes, entre outros. Neste ambiente escolar, recitar uma poesia, ou cantar uma música em duas línguas é belo, aceitável e almejado por todos. Tornou-se cotidiano, tendo em vista o incentivo à aceitação da multiculturalidade. Segundo alguns professores da escola, e dos integrantes da equipe gestora, isso não aconteceu, do dia para a noite. Foi fruto de um longo trabalho, que foi, aos poucos, envolvendo toda a comunidade escolar. O ponto principal foi, sem dúvida, o envolvimento dos outros estudantes que passaram a perceber a própria realidade e, assim, conseguiram perceber que, o que existia na escola, é a realidade de todos: a diversidade, as diferenças, o pertencimento. Claro que toda mudança pressupõe o enfrentamento de dificuldades e a transposição de contratempos. E, nesse ímpeto de dar respostas às necessidades de todos os estudantes, a forma de liderança exercida pela gestão escolar deve ser, por todos, compartilhada (BRASIL, 2006). As práticas foram avaliadas, repensadas e readequadas.

Por isso, há necessidade de professores e gestores discutirem ideias no sentido de amadurecer propostas de ensino/aprendizagem na perspectiva da integração dos estudantes, respeitadas suas particularidades, especialmente, quando são refugiados. Modificar espaços, modificar a forma de transmissão do conhecimento têm se demonstrado eficazes.

Palavras chave: Espaço social; Refugiados; Integração; Educação.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M. F. B. **O Senso Prático de Ser e Estar na Profissão**. São Paulo: Cortês, 2006.

ABDALLA, M. F. B. Representações sociais: aproximações/fronteiras entre Bourdieu e Moscovici. In: ENS, R.T.; VILLAS BÔAS, L. P. S; BEHRENS, M. A. **Representações sociais: fronteiras, interfaces e conceitos**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: FCC, 2013, p. 109-136.

ABDALLA, M. F. B.; VILLAS BÔAS, L. Um olhar psicossocial para a educação. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 48, n. 167, p. 14-41, jan./mar.2018.

ACNUR. Convenção relativa ao estatuto dos refugiados. In: **IDEM**. Manual de procedimentos e critérios a aplicar para determinar o estatuto do refugiado. Lisboa: ACNUR, 1996.

ACNUR. Refúgio, Migrações e Cidadania. **Caderno de Debates** n. 6, dez. 2011.

ACNUR. **Recursos Educativos**. Disponível:

<http://www.acnur.es/materialespublicaciones/recursos-educativos>, s/d.

ACNUR; ONU. Direitos humanos e refugiados. Lisboa: ACNUR/ONU, set. 2012. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direito-humanos/Ficha_Informativa_20.pdf>.

AHLER, M.; ALMEIDA, A. A inclusão social das pessoas na condição de refugiado no Brasil à luz dos direitos humanos. **Barabrói**, Santa Cruz do Sul, Edição Especial n. 47, p. 09-21, jna./jun.2016.

BAENINGER, R. A. (Coord.). **Atlas Temático - Observatório das Migrações em São Paulo**. Migração Refugiada. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 2018.

BOURDIEU. P. **A miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOURDIEU. P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência Civil. *D. O. U.*, de 05 de outubro de 1988, n. 191-A, Seção 1.

MENEZES, T. S.; REIS, R. R. Direitos humanos e refúgio: uma análise sobre o momento pós-determinação do status de refugiado. **Rev. Bras. Pol. Int.** vol. 56, n. 1, p. 144-162, 2013.

MOREIRA, J. B. Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. REMHU – **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, Ano XXII, n. 43, p. 85-98, jul./dez. 2014.

MOSCOVICI, S. **Psicologias das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ONU. **Convenção relativa ao estatuto do refugiado**, 1951. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/português/recursos/documentos/>> Acesso: set.. 2012

VIEIRA, M. T. B. P.; MENEZES, F. L.; SILVA, B. H. The strength of education in the integration of refugees in Brazil: russian children in the city of Santos (1958-1968). **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 51, p. 41-59, jan./mar. 2017.